

Projeto **POLÍTICO-PEDAGÓGICO**



Projeto **POLÍTICO-PEDAGÓGICO**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C689p

Colégio Santa Cruz.

Projeto político-pedagógico : Colégio Santa Cruz / Colégio Santa Cruz.
– São Paulo, SP: Colégio Santa Cruz, 2026.

40 p. : il. ; 21 x 29,7 cm.

ISBN 978-65-02-38357-5

1. Projeto político-pedagógico. 2. Educação – Filosofia. 3. Educação humanista. I. Título.

26-1991

CDU 37.014.5

Bibliotecária responsável: Bruna Heller – CRB 10/2348

Índice para catálogo sistemático:

1. CDU: Políticas educacionais 37.014.5



Sumário

Apresentação	4
Declaração dos religiosos de Santa Cruz	7
Contexto e identidade	9
Colégio Santa Cruz	9
Missão do Colégio	10
PRINCÍPIOS E VALORES EDUCACIONAIS	11
Formação humanista e plural	12
Humanismo em Santa Cruz	12
Humanismo cristão e justiça social	14
Diferenças e novo humanismo	16
Senso de comunidade	16
Diversidade e inclusão	17
Formação acadêmica e cultural	20
Concepção de conhecimento, ensino e aprendizagem	20
Escola: lugar de estudo	21
Conhecimento escolar e saber didático	22
Pensamento crítico e posicionamento ético	23
Liberdade responsável e autonomia	24
Legado da ciência, da arte e da cultura	25
Cuidado socioambiental	26
Formação coletiva e comunitária	27
Escola e responsabilidade coletiva	27
A escola na relação com a família e com a sociedade	29
A comunidade escolar	30
Comunidade e identidade	30
Formação da equipe de educadores	30
Centro de Formação e Investigação Didática	32
Uma comunidade que ensina e aprende	33
Referências bibliográficas	34
Créditos	36

Apresentação

Projetar, etimologicamente, é lançar para a frente, arremessar, arquitetar. Toda escola precisa se lançar, pois a educação é uma esperança de futuro, um vir a ser, um devir. O projeto pedagógico de uma escola é esse impulso de movimento, de dialogar com o presente, de sonhar e de construir, à luz do que já foi trilhado, de compartilhar.

O Colégio Santa Cruz sempre se preocupou com a explicitação de seu projeto, desde a fundação, em 1952, e fez do registro de seus movimentos uma tradição: é possível acompanhar as ações mais estruturais e até as mais cotidianas nos planos anuais da escola, sempre publicados para a comunidade.

O esforço que apresentamos neste documento se inscreve nessa história e pretende incorporar as estratégias inspiradoras dos Projetos Político-Pedagógicos, em um processo que transforma a palavra escrita em palavra debatida, buscando ampliar escutas e colaborações, envolvendo toda a comunidade na construção coletiva do texto. Trata-se, portanto, de projeto aberto, em movimento, que demanda tempo para assentar os consensos em torno da história e da identidade educadora desta escola.

O ponto de partida para as reflexões nos diversos grupos de trabalho sobre como enfrentamos as complexidades de contextos que nos atravessam foi o texto que expressa nossa missão, complementado pelas demais publicações referenciais do Colégio, construídas ao longo de sua história, que serviram de horizonte comum a todos.

Os sete grupos temáticos de trabalho, compostos de educadores das equipes pedagógicas de todos os cursos, mais as onze equipes de áreas, núcleos e funções, além dos cinco grupos de trabalho por cursos, não se limitaram, contudo, a essas referências: compartilharam novas inspirações, descreveram campos de atuação, registraram convicções e integraram caminhos. Também a escuta de famílias, alunos e ex-alunos foi contemplada neste momento, graças ao material reunido em pesquisas de identidade recentes que envolveram a escola toda.

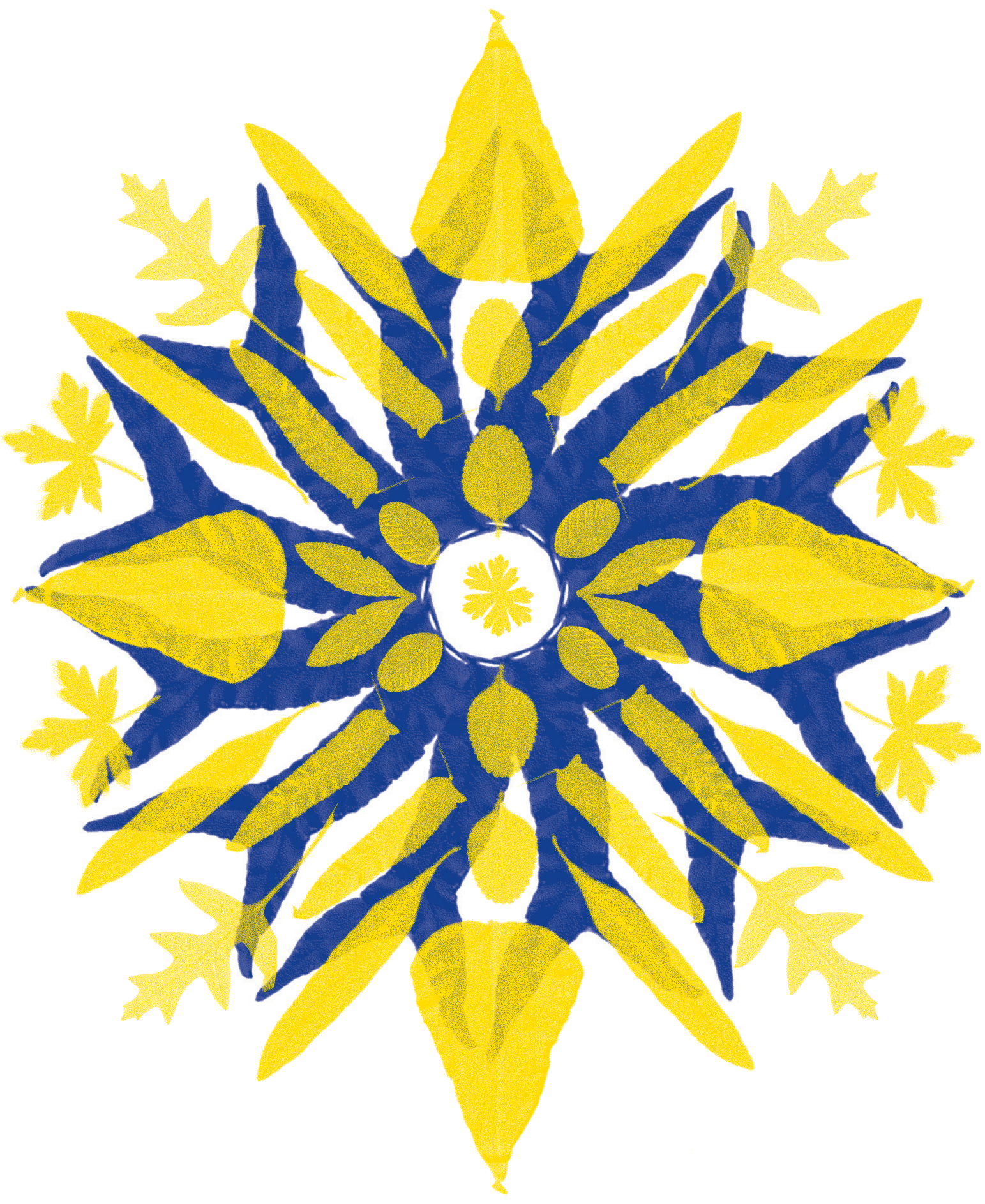
Dessa forma, o Colégio Santa Cruz, com sua comunidade, assume a função social de instituição escolar e declara a carta de intenções e as marcas históricas e identitárias que a constituem e distinguem, reconhecendo a responsabilidade pública e o papel educador de sua atuação, em conformidade com a legislação educacional brasileira (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96).

Sabemos que este é um documento em constante renovação: esta é apenas sua versão mais recente, produzida coletivamente ao longo do ano de 2024, lida, discutida e aprimorada em 2025 e 2026, e sempre passível de novos ajustes e validações; mas reconhecemos aqui um trabalho colaborativo em andamento, um movimento em construção que mobiliza toda a comunidade a refletir sobre aquilo que há de mais autêntico e singular em nossa escola, para afirmar o que temos em comum e o valor que damos ao conhecimento.

Fábio Marinho Aidar

Diretor Geral do Colégio Santa Cruz

Outubro de 2026



Declaração dos religiosos de Santa Cruz

Inspirados pelo carisma legado de nosso fundador, o beato Basile Moreau (1799-1873), continuamos a missão de educar, evangelizar e contribuir com a transformação do mundo.

O nosso compromisso é, para nossas irmãs e nossos irmãos cristãos, um convite para serem fiéis à sua vocação e, para nós mesmos, é uma forma concreta de trabalhar com eles, para a difusão do Evangelho, e, com todos, para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e mais humana.

Constituições da Congregação de Santa Cruz

Somos Irmãos e Padres da Congregação de Santa Cruz, educadores na fé e promotores da esperança. Com zelo apostólico e por meio de nosso carisma educacional, participamos da missão de Jesus Cristo, conforme o Espírito Santo inspirou Basile Moreau. Convictos de nosso chamado à vida religiosa, realizamos nossa vocação no compromisso eclesial de educar e formar o ser humano, promovendo uma vivência autêntica dos valores humanistas cristãos e favorecendo uma atuação responsável e transformadora na sociedade.

Fundada em 1837, a Congregação nasceu em um contexto de reconstrução social e religiosa posterior à Revolução Francesa, assumindo a educação de crianças e jovens como expressão concreta de sua missão cristã. Nesse momento histórico, consolidou-se a orientação educativa de Santa Cruz, fiel à visão de seu fundador, Basile Moreau, que entendia estar a educação comprometida com a formação integral da pessoa humana.

Para Moreau, todo ser humano traz impressa em si a imagem de Deus e deve ser respeitado e acolhido em sua dignidade. Em um contexto social profundamente desigual, ele concebia a educação como instrumento de transformação e praticou a ação educativa da Congregação de Santa Cruz como uma obra de renovação e esperança, capaz de promover vida nova naqueles que dela participam.

Dois séculos nos separam do tempo em que Moreau iniciou esse propósito educacional. No entanto, seu desejo de transformação da sociedade permanece profundamente atual diante dos desafios de nosso tempo. Por isso continuamos promovendo uma educação que reconhece a multidimensionalidade do ser humano e o prepara para o pensamento crítico, a ação ética e o compromisso responsável com o bem comum.

Inspirados nesse legado, orientamos nossa prática educativa por quatro pilares fundamentais: **educar mentes e corações, educar para o respeito, educar para o senso de comunidade e educar para a esperança**. Esses pilares refletem nosso carisma e norteiam uma formação que valoriza a alteridade, fortalece a convivência fraterna e promove relações marcadas pela solidariedade e pelo respeito.

Confiada inicialmente ao coração de Basile Moreau, essa missão frutificou e se expandiu pelo mundo por meio daqueles que, com humildade e generosidade, responderam ao chamado divino de levá-la adiante em diferentes contextos e tempos. Aonde quer que sejamos enviados, colocamo-nos ao lado daqueles a quem somos chamados a servir como educadores na fé. Acreditamos na dignidade e na capacidade de transcendência de todo ser humano e, por isso, promovemos uma educação integral que valoriza todas as dimensões da pessoa.

No Brasil, recebemos esse legado missionário dos religiosos vindos do Canadá e dos Estados Unidos, pioneiros aos quais somos profundamente gratos por terem deixado suas terras para servir em solo brasileiro e por terem incorporado à sua ação missionária o compromisso com as populações em situação de maior vulnerabilidade social.

Ao longo de mais de oito décadas de presença no país, nossa comunidade religiosa caracteriza-se pela diversidade étnico-cultural e regional. Essa pluralidade de dons enriquece nossa vida fraterna e dinamiza a missão que vivemos, anunciamos e partilhamos.

Permanecemos comprometidos com a opção preferencial pelos que vivem situações de vulnerabilidade e com a construção de uma sociedade mais fraterna, democrática e igualitária, na qual a dignidade de todos seja respeitada e protegida. Assumimos, portanto, a educação como meio privilegiado de tornar presente o Reino de Deus entre nós. Mesmo diante de uma realidade marcada pela violência, pela intolerância e por profundas desigualdades sociais, buscamos manter viva a esperança e colaborar para tempos melhores em nossa sociedade.

Ancorados em Cristo, buscamos promover a dignidade de todas as pessoas e colaborar para a garantia de seus direitos fundamentais, fortalecendo relações marcadas pela fraternidade, pela solidariedade e pela justiça social.

Assim, reafirmamos que a Congregação de Santa Cruz no Brasil, alicerçada em princípios éticos e cristãos, assume como missão promover a educação e a formação integral da pessoa humana, por meio do ensino e da aprendizagem, da produção de conhecimento e de ações sociais inspiradas pelos valores do Evangelho.

Fiéis ao legado de Basile Moreau e sustentados pela esperança que brota da Cruz, renovamos nosso compromisso de continuar essa missão. Como educadores na fé, seguimos formando gerações capazes de pensar com responsabilidade, agir com justiça e viver com esperança.



Contexto **e identidade**

Colégio Santa Cruz

O Colégio Santa Cruz consolidou-se como respeitada instituição católica de ensino humanista, formando gerações de cidadãos críticos e participativos. Seu currículo, permeável às contradições e às inquietações do presente, está comprometido com a formação integral, de modo a mobilizar nos estudantes um repertório amplo de reflexões e vivências para enfrentar os dilemas éticos, acadêmicos e profissionais do seu tempo e lugar.

Fundado em 1952 por padres canadenses da Congregação de Santa Cruz – instituição católica criada em 1837, em Le Mans, na França –, o Colégio nasceu na cidade de São Paulo como Ginásio, em uma casa emprestada pela Cúria Metropolitana, com duas classes de 1ª série ginasial e um total de 60 alunos do sexo masculino. O padre Lionel Corbeil, fundador e diretor geral do Colégio por 40 anos, bacharel em Filosofia, Teologia e Ciências Sociais, tinha um agudo senso de oportunidade e vislumbrou o potencial do terreno de 50 mil metros quadrados recebido em 1953, para onde a escola se mudou em 1957 e no qual funciona até hoje, em um bairro que era então periférico, recortado por estradas de terra.

A partir de 1959, com a colaboração do padre educador Paul-Eugène Charbonneau, o Pe. Corbeil promoveu o aprimoramento constante do Colégio, com a implementação de práticas pedagógicas inovadoras e a busca de educadores preparados nos diversos ramos do conhecimento. O corpo docente foi cuidadosamente escolhido e houve abertura de classes experimentais, com o objetivo de alcançar uma formação acadêmica e cultural ampla, o senso da liberdade responsável, o espírito comunitário e a preparação para a sequência dos estudos universitários.

Na década de 1970, o Colégio ampliou ainda mais sua dimensão educativa. Em 1974, abriram-se matrículas para alunas em todos os segmentos, foi completado o Curso Primário (atual Ensino Fundamental 1) e inaugurado o Curso Supletivo noturno, gratuito, voltado a adultos que não concluíram a escolaridade. Em 1977, com 25 anos de existência, o Colégio atingia o número de 2.300 alunos.

No ano 2000, a escola inaugurou a Educação Infantil e passou a atuar com a primeira infância, integrando crianças pequenas ao projeto educativo. Em 2025, começamos a receber crianças e bebês a partir de 1 ano em novo *campus*, vizinho à escola, especialmente construído para abrigar as vivências dessa faixa etária.

Ao longo dos anos, o Colégio Santa Cruz vem se mantendo fiel à sua missão e aos seus valores, reafirmando a própria identidade. As escolhas curriculares, os programas e os projetos criados nas últimas décadas, assim como o investimento constante na infraestrutura do campus e na formação dos educadores são, ao mesmo tempo, algo que reflete e fortalece o projeto pedagógico do Santa Cruz.

Hoje a escola reúne aproximadamente 3.600 alunos (3.000 nos cursos diurnos e 600 nos noturnos) e cerca de 650 educadores distribuídos nos três *campi* da instituição, que somam cerca de 83.000 metros quadrados de espaço de vivências e aprendizagem.

No texto de nossa missão, atualizado em 2019 pela equipe de gestão da escola, os trechos em destaque correspondem a aspectos que foram enfatizados nos grupos de trabalho com educadores, para inspirar as discussões deste Projeto Político-Pedagógico.

Missão do Colégio

Contribuir para a educação de cidadãos críticos, com sólida **formação acadêmica e cultural**, eticamente comprometidos com os **valores humanistas e cristãos**, em um **ambiente escolar plural, vigoroso e criativo**.

Educar para que nossos alunos e nossas alunas sejam capazes de conciliar as próprias escolhas com a **construção de uma sociedade mais igualitária e sustentável**, que **respeite os direitos humanos** e a **diversidade de ideias**.

O projeto educacional do Colégio, em constante aprimoramento, reconhece em seu currículo o **legado da Ciência e da Cultura** e em cada estudante um participante ativo nesse projeto.

Nossos educadores e nossas educadoras incentivam a **construção da autonomia moral e intelectual** por meio do **pensamento crítico** e do **exercício da liberdade com responsabilidade**.

Princípios **e valores** educacionais





Formação **Humanista** e Plural

Humanismo em Santa Cruz

A visão cristã do ser humano já se manifesta na concepção de fé e na ação do padre educador Basile Moreau em Le Mans, na França pós-revolucionária, ao abrir as primeiras escolas associadas a Santa Cruz, em 1837. Pouco tempo depois, nascia a Congregação de mesmo nome, que fez da educação centrada no ser humano íntegro, uno em corpo e alma, sua missão. Como afirma o Pe. José de Almeida Prado (1930-2022), que atuou no Colégio Santa Cruz por quase 70 anos, “a história se encarregou de multiplicar os membros, as atividades e as instituições, sempre em torno do carisma de Pe. Basile Moreau. Passados quase dois séculos, ainda impressiona a abertura para uma concepção de educação integradora”. Isso se expressa, por exemplo, no seguinte texto do Pe. Moreau:

Podemos afirmar o tipo de ensino que esperamos dar... Embora baseemos nossa filosofia na fé, não há razão para temer que restringiremos nosso ensino dentro de limites estreitos e não científicos. Aceitaremos as descobertas da ciência sem preconceitos e de uma forma adaptada às necessidades dos nossos tempos. Não queremos que nossos alunos sejam ignorantes de qualquer coisa que devam saber. Colocaremos sempre a educação lado a lado com o ensino; a mente não será cultivada à custa do coração (Moreau, 1856, tradução nossa).

Em meados do século passado, com a chegada ao Brasil dos primeiros missionários da Congregação de Santa Cruz vindos do Canadá, tem início a missão educadora no país. E, em 1952, é fundado o Colégio Santa Cruz pelo padre canadense Lionel Corbeil (1914-2001). O nascimento do Colégio traz, nas palavras do Pe. Corbeil, registradas nas primeiras publicações do Colégio, a ideia de comunidade no centro dessa missão educadora:

Um colégio moderno, com linhas arquitetônicas simples, arejadas, no meio de belos jardins... uma comunidade escolar feliz, comunicante, ativa... uma escola que seria a segunda casa dos meninos... uma escola que respeitasse a imaginação, a inteligência, os dons criadores, que instigasse o espírito da pesquisa e a liberdade dos jovens... uma escola que permitisse ao professor a satisfação de realizar-se profissionalmente.

A partir de 1959, já com o Pe. Charbonneau (1925-1987) – designado pela Congregação de Santa Cruz para lecionar Filosofia no Colégio –, percebe-se na formulação de uma pedagogia crítica uma produção intelectual pulsante, que coloca a formação do ser humano como pilar da ação educativa: “Compete-nos afirmar nossa fé no trabalho da educação. Somos educadores, e nossa vida inteira se consagra a esta tarefa: construir homens” (Charbonneau, 1973).

O Pe. Charbonneau, leitor contumaz, estudioso profundo, pensador arguto, ocupou o cargo de vice-diretor do Colégio entre 1965 e 1987, ano de sua morte, deixando um legado inestimável que demarcou os princípios que sustentam a filosofia e a ação educacional da instituição. Para ele, somente uma educação integral permitiria “o desenvolvimento da inteligência, a cultura da vontade, o despertar do senso moral, a projeção da imaginação, a exploração máxima da criatividade de iniciação viva da fé” (Charbonneau, 1973).

Tal desenvolvimento pleno pressupõe o compromisso com o direito à educação como imperativo inegociável, que ultrapassa a visão individualista do ser, como explicita o Pe. Charbonneau:

Para que uma sociedade seja viva, é preciso que os cidadãos que a formam estejam vivos; portanto, que sejam educados como é preciso, não com uma educação que domestica, indiscrimina, assimila, adormece, mas com uma educação que, tendo começado na necessária alfabetização, ultrapassa-a de longe para tornar-se libertadora, despertar de consciência, apelo à participação, capacidade de contestação equilibrada, porém enérgica, instrumento de transformação que se aplicará a criar uma sociedade nova, arrancando a sociedade de hoje da sua imobilidade para elaborar uma nova, na qual reinarão Dignidade e Justiça, Fraternidade e Amor, Solidariedade e Responsabilidade compartilhada, Liberdade sem nenhuma coerção (Charbonneau, 1982).

Esse humanismo cristão, preconizado pela visão da pessoa humana como ser integral, passando pelo ideal de comunidade educadora e culminando na produção intelectual do Pe. Charbonneau, já se encontra profundamente enraizado na cultura da nossa escola.

A perspectiva teológico-filosófica adotada pelo Colégio persiste em uma formação que transcende a mera instrução e a aquisição de conhecimentos, promovendo o desenvolvimento de indivíduos reflexivos e críticos, comprometidos com os ideais de justiça, solidariedade e responsabilidade, que valorizam a dimensão afetiva, fraterna e amorosa das pessoas.

A identidade humanista cristã do Colégio Santa Cruz se revela uma força propulsora para o diálogo e a ação em torno de temas fundamentais como a justiça social, a dignidade humana, a defesa da vida, a democracia e o cuidado socioambiental.

Assim, o Santa Cruz afirma-se como um espaço privilegiado e potente de convívio, pertença e promoção do bem comum, onde o conhecimento e os valores se unem em favor da construção de uma sociedade mais igualitária e solidária.

Humanismo cristão e justiça social

Na sua concepção cristã, o humanismo se volta para os seres humanos, partindo da premissa de que Cristo, sendo homem e filho de Deus, tem, como objeto de seu amor e cuidado, a própria humanidade, que é capaz de renovação. Em nome dessa igualdade fundamental, o humanismo cristão reconhece a necessidade de alçar toda a sociedade à mesma condição diante de Deus. Em vista dessa concepção, a solidariedade e o amor são aspectos centrais, colocando no horizonte a ideia de um novo ser humano, liberto e solidário.

É, portanto, fundamento do humanismo cristão o amor ao próximo, amor universal, caridoso. É um sentimento radicado no coração do ser humano, mas manifesto nas ações em relação ao outro. A humanidade, na sua justeza e plenitude, está fundamentada nesse sentimento. E a defesa da igualdade de toda e qualquer pessoa frente a Deus impõe a esse sistema filosófico e teológico uma responsabilidade com a possibilidade de o ser humano ser sempre outro, não sendo impeditivo a isso o fato de ele não pertencer à fé católica, por exemplo. Considerando isso, parece adequado ressaltar que a escola é o espaço e o tempo em que os estudantes, sujeitos diferentes entre si, se encontram e se veem em alguma medida como iguais, sob formação, e que esta formação possa lhes oferecer a experiência humanista cristã. Em resumo, sendo um espaço de convívio e paridade, uma escola com essa orientação deve ter o propósito de levar aos estudantes a dimensão do amor cristãos, pelo qual se exercita a experiência da igualdade e da solidariedade entre diferentes.

Essa visão traz uma perspectiva instigante, que nos convida a afirmar uma concepção unitária do ser, alma e corpo como unidade antropológica, reconhecendo a dimensão histórica e social na qual os seres humanos estão inseridos. Esperança, amor, liberdade e afetividade são, portanto, elementos fundamentais para a promoção dos valores humanos. Esse pensamento, como eixo organizador de uma sociedade, também aponta o bem comum da coletividade. Eis aqui uma noção fundamental: o papel do outro e da comunidade para a construção plena da pessoa humana.

Inspirado e alicerçado no humanismo cristão que a história da Congregação e de nosso Colégio desenvolveu, o Santa Cruz tem, por fim, como propósito, a construção de uma sociedade mais democrática, menos desigual, mais inclusiva, mais fraterna e amorosa, e mais comprometida com o futuro da Nossa Casa Comum (Francisco, 2015).



Diferenças e novo humanismo

O humanismo que está na base do projeto do Colégio Santa Cruz tem sua matriz em uma concepção situada nos séculos XVIII e XIX, retomando dela o caráter universalista, a valorização da racionalidade, o domínio das belas-artes, a laicidade do conhecimento, bem como o elogio aos ideais emancipatórios provenientes da inventividade e do engenho humano. Por meio dessa concepção, idealizam-se as pessoas como seres de cultura, capazes de transformar-se, e, ao mesmo tempo, reafirma-se a ideia da espécie humana como a que compreende as diferentes raças e grupos oriundos dos dois hemisférios do planeta.

No século XIX, esse conceito ganhou enorme impulso em teorias sociais, como o evolucionismo social e cultural, por meio das quais o progresso e a História passaram a ser vistos como lineares, cumulativos e universais, entendendo a variedade das culturas como estágios de desenvolvimento provisório: o passado e suas manifestações no presente estariam sob o signo da falta, da insuficiência. Por isso uma visão mais progressista da educação cristã católica deve rever e atualizar esse humanismo em busca de uma leitura mais apropriada da diferença, do tempo da História, da dinâmica das sociedades humanas, da natureza e da compreensão do progresso em sua complexidade e relatividade. Um humanismo regenerado, um humanismo planetário, em diálogo com o pensamento de Edgar Morin (2020), ou o humanismo que, de fato, segundo o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2014), estende a toda a esfera do vivente um valor intrínseco.

Se há o preceito da igualdade, devemos reconhecer e considerar as diferenças como ponto de partida da nossa atuação, até para auxiliar a pensar as necessidades humanas de transcendência, quer no âmbito da linguagem simbólica das artes, quer no âmbito do sagrado. Se assumimos politicamente o humanismo, porque há nele aspectos fundamentalmente ligados à prática pedagógica que nos interessa preservar e proteger, é preciso repensá-lo, em busca da concepção de uma humanidade como devir permanente, no qual, para sempre inacabado, o humano se abre para um futuro prenhe de segredos, liberdades possíveis e invenções. Um humanismo que restitua aos entes a capacidade de diferir, de ser diferente, sem ser desigual, que não confunda diferença com desigualdade.

Senso de comunidade

Se uma comunidade só é possível a partir do momento em que os seres se reconhecem mutuamente como diferentes, como existindo juntos na sua própria diferença, de acordo com Charbonneau, quando pensamos em convivência precisamos pensar nesse senso de comunidade e reconhecer a complexidade de lidar com a diversidade.

A escola, ao se apresentar como local de convivência para toda uma coletividade, precisa promover a construção de epistemologias diversas, fazendo circular nas relações interpessoais saberes de diferentes naturezas. Aqui nos lembramos do conceito de **alianças afetivas**, de Ailton Krenak, que, ao problematizar a busca permanente pela confirmação de igualdade, pressupõe

afetos entre mundos não iguais. De acordo com o autor, “esse movimento não reclama por igualdade, ao contrário, reconhece uma intrínseca alteridade em cada pessoa, introduz uma desigualdade radical diante da qual a gente se obriga a uma pausa antes de entrar: tem que tirar as sandálias, não se pode entrar calçado” (Krenak, 2022).

Viver em grupo exige enfrentar tal complexidade, pois demanda lidar com uma variedade de ideias e desejos, com influências da diversidade cultural e com regras que organizam a vida social. Só poderemos contribuir para a formação ética e o desenvolvimento moral de nossos estudantes se considerarmos o convívio na diferença como um conteúdo indispensável ao desenvolvimento humano e se nós, adultos, também estivermos com isso muito presente, na alma e nas atitudes diárias. Para isso, precisamos reconhecer, acolher e sustentar a diversidade no âmbito escolar, objetivando a construção de uma comunidade em meio às diferenças, incluindo em nossas reflexões e ações os atravessamentos que os marcadores de classe, raça, gênero e deficiência desvelam, bem como debruçando-nos sobre as diversas territorialidades que se apresentam ao conviver. Aqui nos fazem eco as palavras da intelectual e ativista estadunidense bell hooks (2020), que, ao questionar o conceito de igualdade como única norma de coexistência aceitável, reflexo de uma cultura de dominação, aponta para a exigência de uma ética de reciprocidade relacional. De acordo com a pensadora:

Se a igualdade for vista como a única norma aceitável para que pessoas possam se encontrar além de fronteiras e criar comunidades, então há pouca esperança. Felizmente, a reciprocidade é um alicerce mais construtivo e positivo para o estabelecimento de vínculos que permitam a existência de diferenças de status, posição, poder, privilégio, sejam eles determinados por raça, classe, sexualidade, religião ou nacionalidade (Hooks, 2020).

A perspectiva do cuidado com o entorno, atrelada ao estabelecimento de vínculos entre adultos, crianças e jovens, está articulada ao desenvolvimento de sentimentos de participação e pertencimento em que a ação de cada um é relevante porque interfere no todo. Logo, cuidar do que pertence a todos é um compromisso não só dos educadores, uma vez que cabe também aos estudantes zelar pelo comunitário, corresponsabilizar-se pelo “nosso”. É essa compreensão que permite a construção da ideia de espaço público, instância na qual os acontecimentos e as ações são de responsabilidade de todos.

Diversidade e inclusão

Como o humanismo é nosso ponto de partida, a diversidade e a pluralidade devem estar efetivamente contempladas em nossas práticas educacionais. Se por muitos anos nossa pluralidade se referiu primordialmente à aceitação e à convivência harmônica dos diferentes credos religiosos de famílias, alunos e educadores, há tempos o conceito se ampliou e, hoje, contempla também uma valorização das diversidades cognitivas, de gênero, socioeconômicas, culturais e raciais, entre outras.

No plano espiritual, a Pastoral do Colégio dinamiza a vivência da fé católica levando em consideração a perspectiva de um ambiente escolar de diversidade religiosa. Desse modo, as liturgias e as celebrações temáticas, como as missas de Páscoa, da Família e do aniversário do Colégio, são organizadas de modo inclusivo, para que toda a comunidade escolar se sinta convidada a participar. No Ensino Fundamental, há o Ensino Religioso para todos os estudantes, independentemente de sua fé, com uma abordagem pluralista que dá conta da diversidade de experiências existentes na escola, a fim de promover a reflexão a respeito da história e da vivência da fé e da espiritualidade.

Na política por uma educação inclusiva, a escola se orienta de forma a viabilizar o acesso e a permanência de estudantes definidos como público-alvo da Educação Especial: aqueles com deficiência, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e altas habilidades/superdotação. O Colégio Santa Cruz trabalha, igualmente, em direção à construção de uma educação inclusiva por compreender que um ambiente plural implica a convivência com múltiplas formas de ser: “A convivência em alteridade é formativa e cria possibilidades de compreender a deficiência como parte da experiência humana, além de possibilitar a criação de redes de colaboração e apoio mútuo a partir das necessidades de cada um” (Rosa; Luiz, 2023).

É importante destacar que esse conceito reconhece os direitos de todas as pessoas com deficiências, como as sensoriais e as cognitivas, e amplia o campo de atuação para que todos os estudantes e educadores encontrem possibilidades de vivenciar a experiência escolar, respeitadas suas condições. Na valorização das diferenças humanas, o Colégio se dedica a pensar em como acolher a todos e busca assegurar aos estudantes o direito às diversas aprendizagens promovidas pela escola, como o acesso à cultura e à ciência, e também a convivência no espaço coletivo.

Uma característica importante do trabalho de inclusão na escola é sua forma de atuação, que visa à formação de uma rede na qual todos são responsáveis pela construção de uma sociedade mais equitativa. A escola está continuamente revendo seus processos de ensino e de aprendizagem para contemplar o desenvolvimento da comunidade. Essa tarefa é um desafio persistente que se apresenta nas decisões curriculares, nas mediações de grupo, na criação de medidas de apoio, entre outros processos caros à prática escolar e que estão respaldados por princípios inclusivos.

Um ambiente plural precisa ser também um espaço seguro para quaisquer estudantes, identificados de forma múltipla e complexa com uma série de grupos de referência, como os de gênero e de sexualidade. A escola democrática luta para ser um lugar que ofereça possibilidades múltiplas de identificação – e a contemporaneidade ampliou o mosaico de referências identitárias, que se apresentou também para a instituição escolar. Entendemos que é nosso papel criar condições para que todas as pessoas da escola sejam respeitadas e compreendidas em suas identidades, refletindo sobre o tema de forma coletiva para que todos conheçam e respeitem a diversidade no campo da variabilidade de gênero.

Também a diversidade socioeconômica em nossa comunidade escolar precisa ser considerada sob essa perspectiva inclusiva. Mesmo sendo uma escola particular, com mensalidades que condicionam seu acesso, o Colégio e

a comunidade mantêm bolsas parciais e integrais, que ampliam a participação socioeconômica na escola, como o projeto Ipê e o Santa Plural. Voltado a alunos de escolas públicas que têm interesse em estudar no Ensino Médio do Santa Cruz, o projeto Ipê, desde 2011, oferece apoio na preparação para o processo admissional, bolsas integrais, auxílio transporte, material escolar e alimentação, colaborando para a diversidade social e para a ampliação de repertório do ambiente escolar.

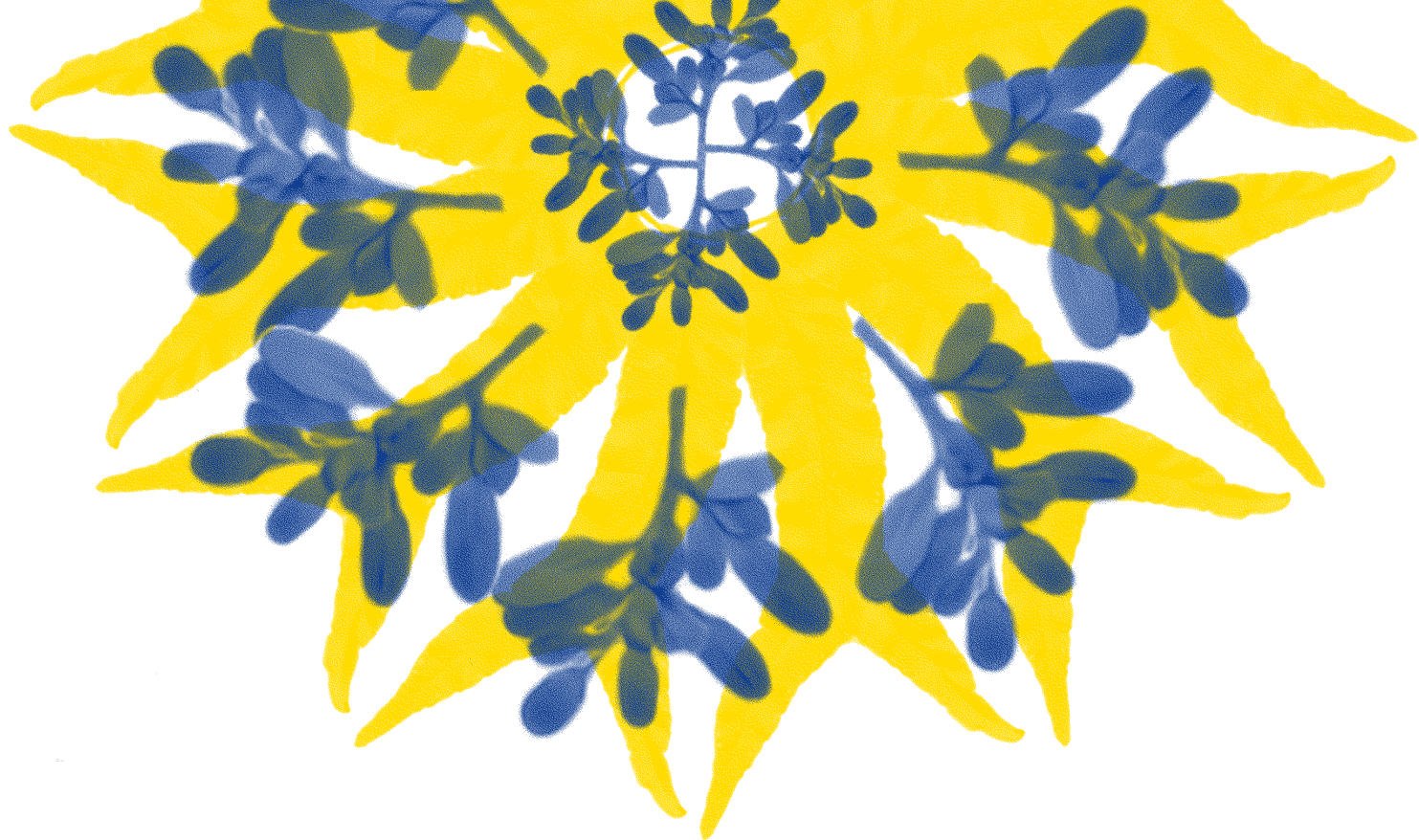
Entendemos ser fundamental assumir declaradamente os princípios de uma educação plural e inclusiva inerentes à posição antirracista da escola, para que a comunidade esteja igualmente comprometida com a urgência de combater o racismo, estrutural e sistêmico, em suas bases. Para isso, atuamos na desconstrução de preconceitos e estereótipos, além de buscarmos a equidade e a eliminação de discriminações de qualquer natureza. Assumimos o compromisso ético e legal de dar a conhecer e valorizar as culturas negra e indígena como primordiais na constituição do país, resgatando sua importante contribuição nas esferas cultural, social, econômica e política. Além disso, é nosso objetivo que os alunos desenvolvam uma representatividade positiva de todas as raças e caminhem na direção da valorização crescente de todos os povos e suas culturas.

Nesse sentido, a educação para as relações étnico-raciais é um eixo articulador do currículo e deve promover a compreensão da diversidade e das diferenças como valores em si. Nosso projeto pretende, igualmente, problematizar a ideia do branco como referência universal da humanidade e favorecer a compreensão de como as estruturas hierarquizantes sustentam e expressam o racismo por meio de palavras e ações. É nosso desejo e intenção que os alunos aprendam a identificar situações de racismo, preconceito ou discriminação, posicionando-se e nunca silenciando diante delas.

Considerando o lugar da escola na luta contra o racismo, criamos em 2021 o Programa Santa Plural, que inclui a formalização de uma Associação de famílias, ex-alunos e aliados da luta antirracista responsável pela captação de recursos materiais que garantam o ingresso e a permanência de estudantes negros e indígenas ao longo da escolaridade. Colégio e Associação assumem, juntos, o compromisso com a construção de uma cultura de enfrentamento e com ações formativas destinadas a estudantes, educadores e famílias. Essas ações incidem no constante letramento racial da comunidade, a fim de que todos aprendam e se dediquem, efetivamente, ao enfrentamento do racismo.

Concomitantemente, estamos comprometidos com ações de reparação que visam à ampliação do quadro de educadores negros e indígenas, contratando-os em todas as esferas, seja na docência, seja na gestão organizacional. Entendemos também a importância de que os estudantes reconheçam todos os educadores com os quais convivem, incluindo os não docentes que compõem as diversas equipes (segurança, alimentação, manutenção, limpeza, jardim e demais apoios), respeitando e valorizando seu trabalho e seus saberes.





Formação **Acadêmica** e Cultural

Concepção de conhecimento, ensino e aprendizagem

Para que a formação humanista se concretize, é essencial afirmar a especificidade da instituição escolar nesse processo, distinguindo-a — como propõe Hannah Arendt (2014) — tanto da família, que representa a esfera privada da vida, quanto do mundo, entendido como o espaço público em que atuamos e pelo qual respondemos coletivamente. Assim, embora seja fundamental manter abertos os canais de acolhimento e diálogo com as famílias, a escola tem especificidade formativa própria, distinta da experiência familiar. Caso contrário, deixaria de cumprir uma de suas missões mais importantes: proporcionar aos estudantes o encontro com a sociedade em toda a sua pluralidade — de ideias, pessoas, etnias, culturas e religiões —, promovendo o reconhecimento e o respeito aos múltiplos modos de ser e de estar no mundo.

Do mesmo modo, embora deva manter diálogo constante com a sociedade e suas complexas questões — sejam elas sociais, políticas ou culturais —, a escola também precisa poder se distanciar da vida cotidiana, justamente por se constituir em um espaço e um tempo de formação. Trata-se de um espaço-tempo de suspensão e elaboração simbólicas da realidade, que o torna objeto de estudo, reflexão e partilha. Dizer que a escola não está colada ao mundo, entretanto, não nega sua dimensão pública, presente tanto no ensino público quanto no privado; ao contrário, reafirma que nela se privilegia o que diz respeito ao bem comum. Seu valor está em oferecer a todos os estudantes a possibilidade de distanciar-se de seu contexto imediato e de acessar outras visões, outras formas de pensamento e outras linguagens de maneira aberta e desinteressada. Nessa perspectiva, o processo de ensino e de aprendizagem se constitui como uma atividade não apenas formativa, mas sobretudo emancipatória (Masschelein; Simons, 2019).

Escola: lugar de estudo

Em um mundo marcado pela aceleração, pela produtividade e pela sobreposição de demandas, torna-se essencial retomar a escola como esse espaço-tempo de suspensão, no qual as expectativas, as necessidades e os papéis associados à vida fora dela cedem lugar à sua atividade fundamental: o estudo. Constituindo-se em um espaço coletivo de aprendizagem, a escola configura-se, como propõem Masschelein e Simons (2019), um lugar que permite ao educando distanciar-se temporariamente das determinações do cotidiano e adentrar um ambiente de igualdade, no qual todos têm a possibilidade de tornar-se parte de uma sociedade de estudantes, orientada pelo saber, pela reflexão e pela experiência compartilhada.

De acordo com Larrosa (2023), a escola é a casa do estudo, o espaço material que oferece as condições — de tempo, de objetos e de procedimentos — de que crianças, jovens e adultos necessitam para serem iniciados na prática de estudar. Cabe à escola a tarefa essencial de transformar quem nela ingressa em estudante e, por meio dessa ação, formar sujeitos cuja relação com o mundo seja cada vez mais sensível, atenta, cuidadosa e profunda. O estudo, assim compreendido, transcende a mobilização de competências e habilidades ou o treino voltado ao desempenho, configurando-se como uma busca paciente, dedicada e amorosa pelo saber, que humaniza e amplia o horizonte de quem estuda. No processo de ensino e de aprendizagem, o sujeito transforma-se, modifica-se, descobre o mundo e se abre para ele.

Nesse sentido, é importante lembrar Paulo Freire:

Ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de

que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (Freire, 2002).

Ao fomentar o espírito de investigação e pesquisa, de descobrimento do mundo a partir da percepção de contradições, de formulação e reformulação de hipóteses, de argumentação em meio à pluralidade de ideias e explicações, em exercício crítico de contraposição e de aproximação, a escola torna o estudante sujeito da construção de seu pensamento, fazendo-o experimentar o sentido amplo da liberdade.

Conhecimento escolar e saber didático

Concebemos a escola como espaço emancipatório, no qual crianças, jovens e adultos se tornam estudantes, livres e iguais em suas possibilidades de aprendizagem e de acesso a novas perspectivas de mundo, constituindo-se em sujeitos críticos e éticos. Isso requer, por parte de nossos educadores, estudo e reflexão constantes acerca da seleção do conhecimento escolar e das práticas didáticas que orientam os processos de ensino e de aprendizagem.

Compreende-se conhecimento escolar como uma forma específica de conhecimento, um saber construído a partir de outros saberes que fazem parte de uma cultura social mais ampla. Como um conhecimento especializado, constitui-se no diálogo com outros conhecimentos, distinguindo-se deles sem, contudo, romper totalmente com suas origens. Cabe, portanto, à instituição escolar favorecer, por meio de seu currículo, que os alunos superem sua experiência pessoal e se apropriem dos saberes construídos pela humanidade ao longo do tempo, os quais provavelmente não poderiam acessar se não fosse na escola (Young, 2007; 2014).

Longe de ser uma simplificação de outros saberes, o conhecimento escolar resulta de escolhas, mediações e adaptações que o tornam acessível no contexto educativo em um processo de transposição didática. Essa concepção implica reconhecer o papel dos professores como especialistas desse saber, articulando os conhecimentos científicos, artísticos e culturais com as experiências dos estudantes. O educador não é, portanto, transmissor de conhecimento escolar, mas alguém que participa também de sua produção e reelaboração. Envolve-se nos processos de seleção, sequencição e progressão dos conhecimentos e é responsável por introduzir os alunos no espaço coletivo da escola, apresentando-lhes saberes, novos modos de ser, de representar o mundo, de ver, de sentir, de se expressar.

Desse modo, o ensino e a aprendizagem no Santa Cruz são concebidos como processos intencionais e mediados, em que o professor é o principal favorecedor do encontro entre os estudantes e os objetos de conhecimento. Se a aprendizagem é entendida como processo participativo de apropriação e de reconstrução do saber pelos alunos, ela exige metodologias que o favoreçam. A didática, nesse contexto, é compreendida como o campo que organiza, estuda e avalia a prática pedagógica a partir da intencionalidade educativa e do compromisso com o acesso de todos os alunos ao conhecimento escolar selecionado. Fundamenta-se na mediação docente, na clareza dos objetivos de aprendizagem e na coerência entre conteúdos, metodologias e processos de avaliação.

O Projeto Político-Pedagógico do Colégio Santa Cruz considera, assim, o conhecimento escolar não apenas como um conjunto de conteúdos a serem trabalhados, mas como aquele que permite a todos os estudantes transcenderem seus saberes imediatos, acessarem outros mundos e interpretar criticamente a realidade social, científica e cultural. Esse conhecimento, ancorado em campos e áreas do saber nos anos iniciais da escolaridade e estruturado progressivamente na forma de disciplinas ao longo do percurso formativo, oferece instrumentos cognitivos e conceituais que permitem o desenvolvimento do pensamento abstrato, crítico e fundamentado na argumentação consistente, promovendo o desenvolvimento da autonomia intelectual e moral dos estudantes. São, assim, conhecimentos considerados fundamentais para a educação de cidadãos reflexivos, com ampla formação acadêmica e cultural, conscientes de seu lugar no mundo e eticamente comprometidos com os valores humanistas, cristãos e democráticos.

Pensamento crítico e posicionamento ético

A educação humanista do Colégio Santa Cruz, considerando as problematizações e a historicidade apresentadas, tem como pilares fundamentais a formação de sujeitos capazes de refletir sobre a realidade e de transformá-la de maneira crítica e consciente. Defendemos a ideia de que o pensamento analítico e o posicionamento ético devem ser desenvolvidos como princípios indispensáveis à reflexão sobre questões sociais e à defesa dos direitos humanos, promovendo uma educação que valoriza a diversidade e o respeito às diferenças. Em nosso ideário humanista estão: o apreço ao conhecimento e a compreensão de sua provisoriedade; a autonomia aliada à consciência de pertencimento social; o livre-pensar; a responsabilidade pelas próprias escolhas; o cultivo da solidariedade; a fruição da arte e das ciências; e a alegria diante da beleza da vida, da amizade e do fluir do tempo. Todos esses valores são essenciais para o compromisso que temos com o bem comum e com a democracia, prática política que garante a pluralidade de ideias e por meio da qual é possível construir uma sociedade mais inclusiva, equitativa e sustentável.

Na perspectiva apresentada, a solidez de nossa formação humanista e acadêmica articula, também, a produção de condições para uma aprendizagem crítica e criativa (Freire, 2002), com o fomento à curiosidade, a promoção de experiências estéticas e culturais, a aquisição de hábitos e o desenvolvimento

de procedimentos e ferramentas para o estudo. Por envolver processos desencadeados em âmbito coletivo e público, inclui ainda as experiências do convívio, do acolhimento à diversidade e ao pluralismo, a vivência afetiva, o exercício da escuta, do compartilhamento e da escolha, respeitando os princípios da convivência ética.

O Colégio reforça, ainda, o compromisso de revisar permanentemente o que tem proposto em seus programas e nos ambientes de aprendizagem, de modo a questionar os interesses e as relações de poder que influenciam as escolhas dos conhecimentos que integram o currículo. O objetivo é favorecer que princípios essenciais na busca por uma sociedade mais justa e menos desigual sejam atendidos, como questões referentes à perspectiva decolonial, à valorização da diversidade, aos estudos étnico-raciais, às identidades de gênero e sexualidade, à sustentabilidade, à cultura digital, à ética anticapacitista, entre outras.

Liberdade responsável e autonomia

Se a escola deve ser permeável aos acontecimentos de sua época e estar voltada para a construção coletiva do presente, precisa educar seus estudantes para a responsabilidade, desenvolvendo consciência e autonomia por meio da experiência da liberdade.

Já nos anos 1960, advertiam-se os educadores de que o excesso de proteção e vigilância acabaria por retirar do indivíduo o senso de responsabilidade; com essa preocupação, Charbonneau propunha que a autonomia a ser desenvolvida em nível individual não poderia se dissociar daquela vivida **em grupo**: “A autonomia a que nos referimos não significa indisciplina ou deixar à revelia. Exprime uma participação na organização da própria vida e uma tomada de consciência das próprias responsabilidades” (Arquivo Colégio Santa Cruz, série Plano Diretor, 1965).

Em suma, o ambiente que buscamos constituir como escola é definido com base no seguinte princípio, presente desde nossa fundação:

A educação exige firmeza, vontade e liberdade. Nesse processo, o diálogo é instrumento inestimável; mas ele jamais dispensa a exposição clara de limites e normas, a serem definidos e exigidos pela escola para garantir um espaço coletivo comprometido com a alteridade e submetido a princípios válidos para todos. Esse exercício da liberdade responsável contribui para o autoconhecimento e põe o aluno em contato com seu potencial intelectual, criativo e social. O esforço para desenvolver esse potencial e realizá-lo gera independência e identidade pessoal que abrem caminho para uma opção existencial consciente e autônoma (Arquivo Colégio Santa Cruz, série Plano Diretor, 1965).

Legado da ciência, da arte e da cultura

Se nossa tradição humanista carrega, desde a expressão do fundador, Pe. Basile Moreau, uma preocupação de praticar a educação dentro de referenciais científicos, atenta ao senso de verdade em construção, às descobertas da ciência, à superação de preconceitos e pronta a se adaptar a novos tempos e explicações, é natural que nossa pedagogia reafirme o valor da Ciência e reverencie seu legado na formação de cidadãos críticos e conscientes, em qualquer época. O ensino das ciências tem, em nosso Colégio, papel fundamental, tanto por alimentar curiosidades e hipóteses provisórias sobre os fenômenos do mundo, quanto por promover investigações teóricas em diversos campos da cultura, validando uma metodologia própria de busca e confirmação de explicações.

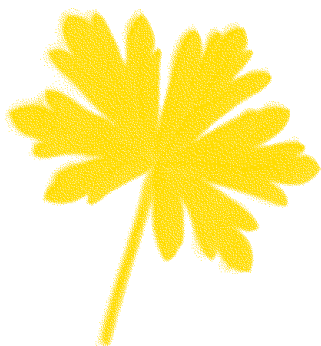
Também no campo das artes vivenciam-se no Colégio a cultura e o acervo de conhecimento produzido historicamente, justamente pela convicção de que a experiência estética pode levar o ser humano a um lugar de ampliações subjetivas. Por isso, esse tipo de experiência também é proposto a seus estudantes, propiciando o contato com as artes plásticas, a música, a literatura, a dança, a filosofia e tantas outras formas encontradas pela humanidade para compartilhar anseios, sonhos e pensamentos. Isso tudo sem negar as condições históricas em que essas produções são concebidas, abraçando a todo momento sua vocação para a criticidade, outro pilar importante na carta de princípios de nossa instituição. Por essa razão, o Colégio cuida também da formação de pessoas criativas, que se proponham a enveredar pelos caminhos das representações artísticas e estéticas ou por qualquer campo em que venham a atuar.

Nesse sentido, a inauguração do teatro do Colégio no cinquentenário da escola, em 2002, realizou sonho antigo de educadores e alunos de contar com um espaço apropriado para a celebração da arte dramática, da música, das artes plásticas e para a preparação, o estudo, a pesquisa e a criação de bens da cultura, além de ampliar e ritualizar uma série de experiências sociais e escolares de toda a comunidade.

É nesse horizonte de valorização da cultura e da formação de estudantes tanto criativos quanto críticos que se destaca também o papel da biblioteca do Colégio, hoje renomeada Biblioteca Pe. Charbonneau, que reafirma a literatura como um importante bem artístico-cultural.

Atuante desde a fundação do Colégio, a biblioteca amalgama em sua atuação a leitura, a pesquisa e a criação. Sua educação leitora busca ampliar a compreensão do estudante sobre si mesmo, sobre o outro e sobre as múltiplas realidades que o cercam. Trata-se de uma educação que valoriza a construção de um convívio harmonioso e respeitoso, marcado pela pluralidade de contextos, vozes, histórias e interpretações de mundo.

Da mesma forma, o projeto pedagógico da biblioteca visa, também, à formação de pesquisadores cada vez mais autônomos e críticos. Para isso, convida o leitor à reflexão, incentivando-o a questionar, compreender e se posicionar diante das questões da sociedade.



Outro campo que se inscreve na agenda da educação e demanda debate crítico (Buckingham, 2022) é o da cultura digital, entendida como um processo social que determina reconfigurações identitárias dos indivíduos e das culturas (Floridi, 2015), graças a um conjunto de valores, práticas e conhecimentos que decorrem da utilização cada vez mais intensa das tecnologias digitais de informação e comunicação (Almeida; Valente, 2011).

Nesse sentido, o ambiente escolar deve promover o diálogo, a análise, a ampliação de repertório e a experimentação em diferentes perspectivas e linguagens digitais, de forma criativa e reflexiva, e não apenas utilitária, compondo novos arranjos e possibilidades a partir desses conhecimentos. Também é papel da escola formar cidadãos digitais responsáveis que compreendam os direitos e as implicações de sua presença e produção *on-line*, reconheçam os desafios contemporâneos — desinformação, uso pouco criativo ou excessivo de *smartphones* e redes sociais — e atuem de forma consciente e ética.

Cuidado socioambiental

Nas últimas décadas, consolidou-se a percepção de que vivemos uma crise socioambiental global. Uma escola que traz o debate sobre essa crise de forma central no currículo deve mobilizar a comunidade para que essa reflexão leve a novas formulações e ações.

O Papa Francisco, em sua encíclica *Laudato Si* (2015), propõe que “nos detenhamos agora a refletir sobre os diferentes elementos de uma ecologia integral, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais”. Nesse sentido, a constatação das relações íntimas de interdependência entre todos os seres e o ambiente pode ajudar a reconstruir um sentimento de pertencimento à natureza, que leva ao respeito e à responsabilidade.

Reconhecendo que todos dependemos uns dos outros e que nossas atitudes têm consequências para o que nos rodeia, a escola pode se contrapor ao individualismo e contribuir, decisivamente, para a formação de pessoas comprometidas com a promoção do bem comum pela construção de um sentimento de pertencimento à natureza. Esse é um objetivo crucial para a formação de cidadãos conscientes da complexa teia de relações que se estabelece no planeta.

Isso começa no reconhecimento de que o modo como uma comunidade de crianças, jovens e adultos habita a escola é parte do currículo, o que implica considerar o cotidiano como fonte e objeto de aprendizagem e, ao fazer isso, olhar para as experiências que esse cotidiano permite. Larrosa (2002) nos ensina a pensar a educação a partir do par experiência e sentido. Assim, nossas escolhas educacionais e pedagógicas devem estar atravessadas pelo objetivo de que o cuidado com o outro, com o espaço e com os objetos se configure como um modo de estar na escola, de habitá-la.

Pretende-se, assim, que as experiências de coletividade, de cuidado e de preocupação com o bem de todos no cotidiano da escola sejam estendidas a problemáticas mais amplas. Partindo da própria sala de aula e do espaço do Colégio, é possível explorar as conexões entre nosso modo de vida e as grandes problemáticas globais, convocando à responsabilidade socioambiental, em suas várias escalas.



Formação **Coletiva** e Comunitária

Escola e responsabilidade coletiva

É essencial retomar a importância do sentido público da educação e seu compromisso ético e político com a formação humana e com a vida coletiva. Como vimos, é preciso pensar uma formação do sujeito em relação aos outros e ao meio ambiente que tenha como princípio a difusão e o cultivo de virtudes públicas – como a solidariedade, a igualdade, a tolerância –, de modo a contemplar com mais coerência a formação de toda a comunidade escolar, pois o currículo expressa valores, escolhas e relações de poder, participando da formação das identidades e das experiências escolares dos estudantes (Silva, 2017).

Por ser um lugar do coletivo, do público, a escola promove a convivência com o diferente em contextos de pluralidade. Ao contrário do que vivencia em família, a criança, na escola, acessa a possibilidade de interagir com os pares, crianças que têm distintas histórias de vida, hábitos, ideias e modos de ler a realidade. Ao experimentar a complexidade das relações sociais, a criança constrói laços diversos e, no encontro com o diferente, entra em contato com sentimentos e emoções, podendo questionar o próprio modo de ser, seus valores e ideias. É nesse processo que, ao mesmo tempo que constitui vínculos, constitui-se por meio deles. A diversidade do perfil dos estudantes é também marca da Educação de Jovens e Adultos (EJA), segmento destinado àqueles que não puderam concluir a escolaridade básica. Em seu retorno à escola, jovens e adultos trazem um conjunto de saberes e fazeres fundado em repertórios não escolares, o que enriquece a construção dos projetos pedagógicos.

A palavra é um recurso importante que nos permite traduzir o que sentimos, expressar nossas emoções, e, ao ser dirigida a um outro, é fundamental para enfrentar os impasses que a convivência nos apresenta. Como contraponto à intolerância e ao conflito, a escola apresenta o diálogo, na tentativa de converter preconceitos em possibilidade de enriquecimento dos envolvidos. Nessa direção, são bem-vindas todas as situações em que a interlocução se estabelece – com o educador ou um colega em particular, nos pequenos agrupamentos e nos grandes grupos.

O âmbito do diálogo também concerne às relações que se estabelecem entre família e escola. Embora ocupem lugares distintos e desempenhem funções diferentes, ambas exercem papéis complementares na formação dos sujeitos que uns chamam de filho e outros, de estudante.

A escola não é apenas um espaço de convivência interpessoal, mas também um lugar de construção de experiências coletivas e de participação na vida pública. As produções individuais ganham sentido quando compartilhadas com o coletivo, fortalecendo vínculos, experiências comuns e repertórios construídos em comunidade.

O ser humano define-se na possibilidade da ação responsável, da escolha e no fato de ter seu futuro em aberto. Como diz Paulo Freire (2021), essa perspectiva engendra a “radicalidade da esperança”: “Gosto de ser gente porque a história em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades, e não de determinismo”. Não existe ação responsável senão quando remetida ao destino comum e aos desafios que nosso tempo nos coloca coletivamente. Portanto, só se ensina alguém a ser humano, segundo essa perspectiva, em ato, isto é, dentro de uma comunidade de educadores e estudantes que vive e se organiza segundo esse princípio. A **autonomia** para fazer escolhas responsáveis não elimina a dimensão de **interdependência** que constitui a vida coletiva e as relações humanas.

A escola na relação com a família e com a sociedade

Em uma escola comprometida com o coletivo, as demandas individuais e familiares precisam ser consideradas à luz dos princípios institucionais e do bem comum que orientam a vida escolar. A participação das famílias é relevante na medida em que ajuda a constituir uma comunidade escolar, que troca experiências e compartilha ideias em espaços formativos com especialistas sobre temas educacionais ou da contemporaneidade, em rodas de leitura ou de conversa, em reuniões gerais ou temáticas. Também nesse sentido, a escola enquanto comunidade se determina fortemente na relação que estabelece com o exterior, isto é, com a sociedade em geral e com as diversas territorialidades que compõem sua complexidade. A relação da escola com diferentes territórios amplia as experiências dos estudantes e favorece o contato com distintas realidades sociais, culturais e ambientais.

Nessa direção, destacamos o valor dos Estudos do Meio como momentos formativos, pela proposta de integração que promovem entre os participantes, pelas questões advindas da necessidade de priorizar o coletivo, tendo, simultaneamente, que fazer adaptações em decorrência das condições das viagens, pelo respeito exigido aos dados culturais que o contato com as populações locais apresenta e, enfim, por aquilo que toda viagem provoca: a mudança no jeito de olhar o mundo e as pessoas.

Outra experiência pedagógica que promove a ampliação do olhar é a Ação Social, eixo fundamental da Pastoral, que une o exercício e a experiência da religiosidade ao trabalho comunitário. Em diálogo com o aprendizado do olhar crítico e solidário para a realidade, com a finalidade de conscientizar os alunos sobre suas responsabilidades sociais, o trabalho voluntário faz parte do currículo desde o 4º ano do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. A prática fomenta a solidariedade, o cuidado e a alteridade como valores que se aprendem ao longo da vida. A Ação Social, inserida no cotidiano pedagógico, desperta desde cedo nas crianças e nos adolescentes a importância de olhar para o entorno a fim de entender o contexto social em que vivem. O convívio escolar e o lugar da educação são por si mesmos comunitários e políticos.

As famílias também são chamadas à ação comunitária – por meio do SAN, que foi criado na década de 1960 e hoje conta com aproximadamente 900 mães e pais voluntários atuando em três frentes: no trabalho voluntário (tanto no atendimento profissional nas áreas de saúde, jurídica, administrativa e educacional quanto na organização de eventos para captação de recursos em prol dos programas “Santa Cruz Jaguaré Caminhos”, “Educação para Jovens e Adultos” e “Cidadania e Inclusão pelo Esporte”); na organização de festas e eventos beneficentes (como a “Festa Junina” e a “Feijoada da Primavera”); e nas campanhas de doação (como brechó de uniformes usados e feira do livro).

A comunidade escolar

Comunidade e identidade

Em pesquisas recentes que envolveram toda a comunidade escolar – famílias, alunos, educadores e ex-alunos – foi possível traçar a percepção atual da comunidade em relação às forças identitárias da escola.

O aspecto do Colégio Santa Cruz mais valorizado pela comunidade é seu projeto pedagógico, capaz de conciliar formação acadêmica e humanismo: a qualidade do ensino, traduzida em consistência curricular e metodológica, com professores de excelente formação e experiência, articula-se às questões contemporâneas e à prática de princípios como respeito, autonomia, democracia, pensamento crítico, sensibilidade para o social, valorização da diversidade.

A infraestrutura que sustenta esse projeto pedagógico também aparece como uma grande força, com espaços amplos, cuidados, com muita área verde, bem planejados em termos de edificações e uso de equipamentos.

Outro traço identitário muito mencionado é o posicionamento do Colégio Santa Cruz como escola brasileira, que valoriza a cultura e as raízes nacionais e sensibiliza estudantes para questões socioambientais do país e do mundo, sem prejudicar eventuais escolhas por estudos internacionais. Essa sensibilização para outras culturas e questões globais amplia a capacidade de análise crítica da realidade, em qualquer lugar e em diversos contextos.

Finalmente, destaca-se o valor atribuído pela comunidade ao ambiente escolar do Santa Cruz, reconhecido como um espaço de convivência acolhedor, reflexivo, plural e comprometido com o fortalecimento da diversidade e das ações coletivas.

Formação da equipe de educadores

No Colégio Santa Cruz, consideramos que todos os profissionais que atuam na escola são **educadores**. Somos uma comunidade de profissionais da educação nos mais diversos setores, papéis e funções que compõem o universo escolar – educadores na docência, na coordenação e gestão, nas secretarias, na manutenção, na limpeza, na administração, entre outros –, pois partimos do princípio de que todos educam e de que somos responsáveis por processos de ensino e de aprendizagem no dia a dia escolar.

Valorizamos a formação inicial dos educadores contratados pela escola, pois representa uma parte específica da trajetória no campo dos saberes que compõem o fazer profissional. Acreditamos, ainda, que é na formação continuada que se instituem a reflexão constante, a atualização dos saberes técnico-operacionais, a formação de coletivos de estudo, a avaliação sobre as práticas em curso e tantos outros fóruns que compõem o sistema de formação continuada.

Os espaços reservados para **o trabalho de pensar o trabalho** como garantia fundante são necessários para que a instituição enfrente os desafios de seu tempo e lugar, assim como as transformações e as contradições presentes na prática escolar.

O levantamento das necessidades formativas se dá por meio de um processo de escuta e análise dos contextos dos vários campos da docência, da coordenação, da orientação e dos diversos setores da escola. Neste momento, os conteúdos formativos mais presentes têm sido relacionados a temas como saúde mental, compulsões, diversidade, cultura digital, cuidado socioambiental, escola inclusiva e currículo. A partir desse levantamento são planejadas ações formativas relevantes, pertinentes e transformadoras para os educadores de maneira a ampliar as possibilidades de pensar nossa prática e aprimorá-la.

Nesse planejamento, são considerados fortemente os desafios postos na contemporaneidade: **a escola entre permanências e transformações e a defesa social e política da Instituição Escolar**. Esses e muitos outros temas exigem pautas, tempos, colaboração e estratégias metodológicas que permitam a construção de novos saberes e atitudes pelos adultos envolvidos.

São várias as estratégias metodológicas e modalidades de formação dos adultos que compõem o mapa formativo da escola: palestras, aulas abertas, rodas de conversa, grupos de estudo e de trabalho, grupos focais, comissões e comitês, que se reúnem para dialogar, estudar e avaliar a fim de respondermos como a nossa comunidade se estrutura em torno da tarefa de educar e formar no século XXI.

No contexto específico dos cursos, as equipes de gestão se responsabilizam pelo planejamento de pautas de trabalho e formação para seus professores e professoras. As reuniões semanais e obrigatórias de planejamento, conselho de classe e formação constituem um fórum permanente de sustentação das práticas pedagógicas.

Há, ainda, formações organizadas em diversas áreas, tanto nos campos técnico-operacionais como nos conteúdos relativos aos princípios e valores que sustentam o projeto pedagógico da escola, nas quais o setor de Gente e Gestão trabalha em parceria com Direção Pedagógica, Núcleos de Práticas Inclusivas, Educação Digital e Saúde, com equipes dos diversos segmentos e especialistas externos.

No Colégio Santa Cruz, também é garantida a todos os educadores uma oferta de atividades voltadas para o aprendizado de línguas adicionais, modalidades de cultura corporal e música.

À formação entre pares – tão presente no dia a dia das equipes de professores pertencentes a um mesmo curso –, somam-se o Congresso de abertura do ano letivo e ações de verticalidade, que envolvem professores de todos os segmentos e são concebidas de forma colaborativa e com a vocação de reunir educadores em torno de um foco comum de estudos por meio da partilha de práticas, do diálogo e da reflexão.

Além da formação em contextos internos, o Colégio, por meio do setor de Gestão de Pessoas, apoia os educadores em projetos de formação em instituições externas quando em consonância com os objetivos e focos formativos da escola. Dessa forma, fomenta-se e fortalece-se a participação de nossos educadores em redes mais amplas e diversas de várias instituições públicas e privadas e de vários segmentos da educação.

Centro de Formação e Investigação Didática

Paralelamente ao desenvolvimento da formação continuada que ocorre internamente, o Colégio proporciona ações abertas a educadores de outras escolas e redes, por meio do Centro de Formação e Investigação Didática, que tem como vocação:

- a divulgação dos princípios, valores e procedimentos da instituição;
- a ampliação das oportunidades de formação da equipe interna;
- o estímulo à produção de conhecimento das equipes, aprimorando as práticas desenvolvidas;
- o aprimoramento das práticas pedagógicas a partir da investigação didática;
- a valorização da cultura interna de formação continuada em serviço e dos encontros entre educadores de diversas escolas.

As ações organizadas e específicas no campo da investigação didática têm se fortalecido devido à compreensão de que o estudo mais aprofundado sobre o conhecimento didático é uma decisão política, que atua na formação permanente dos educadores da escola para que possam promover melhores condições de ensino e de aprendizagem para todos os estudantes.

Temos definido a investigação didática como o estudo e a análise, em pares, com uma equipe de coordenação, professores e pesquisadores, das propostas didáticas implementadas em sala de aula, usando instrumentos diversos – gravação de aulas, registros, observação in loco, entrevistas a estudantes com focos variados, acompanhamento de trabalhos em pares de alunos – e analisando condições didáticas e intervenções docentes.

Além disso, para compreender o que se desenvolve em sala de aula, é preciso entender o que estão interpretando os estudantes em relação ao conteúdo, objeto de conhecimento. Ou seja, estudar uma situação didática em aula não se reduz a avaliar se a sequência é boa para que os alunos aprendam; deve-se também considerar o complexo processo em que as propostas são construídas – respaldadas em certas hipóteses, experiências, repertórios de conhecimentos, marcos teóricos, elementos que sustentam uma sequência que se coloca em estudo – e o que está envolvido na apropriação do conhecimento pelo estudante. Portanto, interessa ver como se dá o processo de interação entre estudantes, conteúdo e docentes.

Uma comunidade que ensina e aprende

Pensar a escola como um lugar de aprendizagem para todos os que dela participam significa assumir a tarefa e o compromisso com a construção e a proposição de um mapa de formação que se estenda a toda a comunidade.

A dimensão aprendiz dos diversos adultos, sejam educadores, familiares, ex-alunos ou amigos de nossa escola, tem sido um marco fundante no enfrentamento de temas da contemporaneidade, na experiência escolar e na vida em sociedade. É marca da nossa escola poder contar com uma comunidade de ex-alunos e seus familiares muito atuante e presente, disposta a seguir contribuindo com discussões que ajudam a refletir sobre nosso tempo e seus dilemas.

As famílias e os ex-alunos do Colégio Santa Cruz também se unem ao conceito de Comunidade Aprendente ao participarem das inúmeras ações e atividades que têm como objetivo formar e letrar a nossa comunidade nos mais diversos campos e temas presentes, na relação família e escola, na educação formal e informal de crianças, adolescentes e jovens, em temas ligados aos desafios da contemporaneidade. Também para esse público, defendemos modalidades que permitam a escuta atenta, o diálogo, a troca de ideias e a reflexão conjunta: é o que temos experienciado, por exemplo, no Encontro de Famílias, promovido anualmente pelo Colégio e que tem se mostrado potente estratégia formativa.

É junto dessa Comunidade Aprendente que buscamos sustentar e atualizar os princípios, os valores e os compromissos apresentados neste documento. Mais do que registrá-los, ansiamos por mantê-los vivos nas práticas, nos diálogos e nas escolhas cotidianas da escola.





Referências **Bibliográficas**

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; VALENTE, José Armando. *Tecnologias e currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?* São Paulo: Paulus, 2011.

ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ARQUIVO COLÉGIO SANTA CRUZ. *Série Plano Diretor*. São Paulo, 1965.

BUCKINGHAM, David. *Manifesto pela educação midiática*. São Paulo: Edições SESC, 2022.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène. *A escola moderna: uma experiência brasileira – o Colégio Santa Cruz*. São Paulo: EPU, 1973.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène. *O Brasil: hora de desafio – dramas éticos de nosso tempo*. São Paulo: Almed, 1982.



FLORIDI, Luciano (org.). *The onlife manifesto: being human in a hyperconnected era*. Oxford: Springer Open, 2015.

FRANCISCO. *Laudato Si': carta encíclica sobre o cuidado da casa comum*. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: julho de 2026.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HOOKS, Bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./abr. 2002, p. 20-28.

LARROSA, Jorge. Aprender/estudar uma língua. In: BÁRCENA, Fernando; LÓPEZ, Maximiliano; LARROSA, Jorge. *Elogio do estudo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023, p. 75-101.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Marteen. *Em defesa da escola: uma questão pública*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MOREAU, Basile Anthony. *Christian Education: For Use by the Educators of the Congregation of Holy Cross*. Le Mans: Julien Printing Shop; Lanier & Company, 1856.

MORIN, Edgar. *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*. 1.^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

ROSA, Mariana; LUIZ, Karla Garcia. *Como educar crianças anticapacitistas*. Florianópolis: edição das autoras, 2023. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/cead/id_cpmenu/4647/livreto_v8_16915865291588_4647_1691588551302_4647.pdf. Acesso em: julho de 2026.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Diálogos sobre o fim do mundo. Entrevista concedida a Eliane Brum. *El País Brasil*, 29 set. 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283_365191.html. Acesso em: julho de 2026.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? *Educação & Sociedade*, vol. 28, n° 101, 200, 2007, p. 128-130.

YOUNG, Michael. What is a Curriculum and what can it do? *The Curriculum Journal*, v.25, n.1, 2014, p.1-13.



Créditos

Colégio Santa Cruz

DIREÇÃO GERAL

Diretor Geral

Fábio Marinho Aidar

Diretora Pedagógica

Débora Vaz

Diretor da Pastoral

Ir. Edson da Silva Pereira, C.S.C.

DIREÇÃO DE CURSOS

Diretora da Educação Infantil e do 1º ano

Beatriz Gouveia

Diretora do Ensino Fundamental 1

Camilla Duarte Schiavo Ritzmann

Diretora do Ensino Fundamental 2

Joana Procópio de Carvalho F. França

Diretora do Ensino Médio

Marina Muniz Rossa Nunes

Diretor da EJA e da Educação Profissional

Roberto Catelli Jr.

ADMINISTRAÇÃO

Diretora de Gente e Gestão

Fernanda Petta

Coordenadora de Comunicação

Lívia Velloso Guimarães

Projeto Político-Pedagógico

CONSELHO EDITORIAL

Fábio Marinho Aidar (diretor)

Débora Vaz (coordenadora)

Alejandro Miguelez (editor)

Cleide Terzi (assessora)

REDAÇÃO

Educadores do Colégio Santa Cruz

Ir. Ronaldo Almeida C.S.C. e Ir. Edson da Silva Pereira C.S.C.,
presidente e vice-presidente da Congregação de Santa Cruz
(Declaração dos Religiosos de Santa Cruz)

COORDENAÇÃO E EDIÇÃO

Alline Ferreira, Ana Carolina Ribeiro, Andrea Frigo, Beatriz Mello,
Beatriz Ruffino, Carolina Gil, Carolina Ramicelli, Claudio Bazzoni,
Cristiane Pires, Deborah Cardoso, Fernanda Luciani, Felipe Bandoni,
Kelly Araújo, Luciana Soldi, Mariana Rodriguez, Monica Torkomian,
Paola de Oliveira Nogueira, Regina Clara, Renata Silveira,
Rodrigo Liegel, Sahsha Dellatorre, Tiago Lima, Vanessa Ferraresi,
Victor Sobreira e Virgínia Villaça

REVISÃO

Elvira Grande Gago

Tânia Sandroni

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Caracol Design

ILUSTRAÇÕES

Rayssa Oliveira

As folhas presentes nas ilustrações foram recolhidas nos diversos espaços do Colégio Santa Cruz: são mais de 100 espécies, reunidas em sua variedade de formas, tamanhos, cores e texturas. Agrupadas em estruturas complexas, aproximadas de forma brincante, constituem uma cartografia sensível da escola — feita de fragmentos de vida do território que compartilhamos — e se tornam imagem daquilo que também desejamos cultivar como comunidade: a diversidade das formas de ser e estar, a singularidade de cada um e a potência de fazer parte de um conjunto. Nossas folhas são vestígio de um mesmo chão — aquele que, todos os dias, crianças, jovens e adultos habitam, atravessam e transformam.





